

11º CONGRESSO GIFE/ FRONTEIRAS DA AÇÃO COLETIVA

FILANTROPIA COLABORATIVA

I. CONTEXTO, DESAFIOS & OPORTUNIDADES

1. Filantropia colaborativa são formas de colaboração em que há participação de pelo menos dois doadores ou gestores de recursos filantrópicos, que colaboram na mobilização, coordenação, alocação e gestão dos recursos filantrópicos.
2. Os novos formatos propostos pela filantropia colaborativa trazem **a oportunidade de am-**

pliação do volume de recursos privados para produção de bem público pois agrega e amplia o número de atores partícipes da colaboração, fomenta um ISP mais doador, questiona e aumenta a eficiência na gestão e governança dos recursos, amplia recursos para novas e contemporâneas agendas e agendas que hoje têm menos atenção (como por exemplo, a agenda dos direitos humanos), fomenta o engajamento e protagonismo de todos os atores envolvidos fortalecendo um grantmaking mais participativo que promove o conceito de "shift the power".

3. Dados do censo GIFE mostram que 92% das organizações respondentes afirmam participar de espaços colaborativos e mais de 70% dizem ter pelo menos uma iniciativa de co-investimento. **O contexto da pandemia trouxe maior colaboração entre as organizações do setor da filantropia e do ISP, o que incentivou a formação de novos arranjos colaborativos tais como fundos, alianças, redes, coalizões, etc.** Essa experiência trouxe um legado de colaboração que deve ser aproveitado e mantido.
4. **A governança tem sido um dos maiores desafios da filantropia colaborativa:** construir relações de confiança, sustentar bons espaços de diálogo, distribuir papéis entre atores, pactuar expectativas, manejar marcas e visibilidades, azeiturar processos decisórios, etc. Esses são temas que merecem atenção quando se quer evoluir nos modelos de filantropia colaborativa.

FILANTROPIA COLABORATIVA

II. PRIORIDADES DOS PRÓXIMOS ANOS PARA FORTALECIMENTO & DESENVOLVIMENTO

- 1. Mobilizar diversas organizações para uma mesma agenda aumenta o poder de pressão** junto ao poder público e o faz mais efetivo e coordenado.
- 2. Colaborar pressupõe a inclusão de um arco maior de atores envolvidos e a necessidade de criação de mecanismos participativos** para que todos possam atuar conjuntamente. (shift the power)
- 3. Refletir sobre os processos de gestão e governança** se faz de fundamental importância para o sucesso das iniciativas colaborativas.
- 4. Para que se possa avançar nas experiências de filantropia colaborativa e rever a maneira de operação das organizações, há perguntas a serem investigadas: o que os aprendizados da prática da filantropia colaborativa agregam e transformam nas organizações, nos projetos e nas suas equipes? Como os investidores sociais podem colaborar e combinar esforços de maneiras mais sofisticadas? Como é possível, a partir da criação de mecanismos coletivos, criar oportunidades para que outros e novos atores, que não têm tamanho, recursos, porte ou disposição para criar organizações, possam somar recursos?**
- 5. Como a soma de novos recursos e atores pode propiciar um diálogo com um arco maior de temas da agenda pública e iniciativas mais sustentáveis,** eficientes e com maior impacto no longo prazo?



FILANTROPIA COLABORATIVA

III. ORIENTADORES

- 1. O ISP deve olhar para as novas possibilidades da filantropia colaborativa como uma oportunidade de trazer novas abordagens para os problemas estruturais e complexos da sociedade e entender que só através da colaboração é possível superá-los. E colaboração tem muitos pressupostos a serem constantemente alinhados, questionados e melhorados entre os atores do ISP.**
- 2. Para o movimento negro e para grandes causas universais é fundamental trabalhar de forma coletiva. Se faz necessária a criação de mais iniciativas temáticas de impulsionamento de causas.**
- 3. Só há colaboração quando de fato os beneficiários estão engajados na co-construção e isso é um processo profundo e importante. Requer práticas participativas e muita atenção em boas práticas de gestão.**
- 4. Há uma tradição de colaboração no campo do programático, onde as respostas são mais rápidas. É preciso pensar no financiamento, na colaboração e nos arranjos de longo prazo que são mais difíceis de conseguirem captação de recursos.**
- 5. É preciso zelar pela racionalidade dos resultados esperados e estratégias escolhidas, bem como na seleção de indicadores de resultado, para evitar um investimento disperso que não reflita o potencial esperado para a ação convergente.**